

E magias d'amor lhes criavam
Outro ar, outro eeo, outra vida.

Mas eis que um raio, subito correndo,
Quebra o placido incanto ;
E o riso alegre do prazer tam puro
Torna-se em triste pranto.

As lindas flores de seus sonhos lindos
De repente esfolharam-se ;
E as folhas d'ellas em um chão de pedra,
Uma á uma, seccaram-se.

Seu porvir esmaltado de delicias
Negra treva o inluctou ;
E n'um pego d'horror a sua estrella
Rapida se abysmou.

E a pobrezinha, desesp'rada, afflita,
Se carpe e se arrepella ;
E o sangue, que das fontes desce lento,
Lhe humedece os jasmins da face bella.

Infeliz ! — a vontade paterna
— Que ambição desmarcada domina —
Pertinaz, caprichosa, imprudente,
Outro esposo — cruel ! — lhe destina.

Desd'então nos seus languidos olhos
Nunca mais a alegria adejou ;
Nunca mais em seus pallidos labios
Doce riso contente brincou.

So a chamma fatal d'un e d'outro
Mais intensa nas yeias lavrou ;
E a cadeia d'amor, que os prendia,
Mais robusta e valente ficou.

II

Involto em silencio e trevas,
Na terra o somno pesava ;
Todos dormiam : so ella,
So ella afflita velava.

Ei-la no estreito aposento,
A sos, tristonha, scismando,
E um ai sumido do seio
De espaço á espaço exhalando.

Suas faces, que eram rosas.
Cobre-as um veo de pallor ;
Seu gesto, que era risonho,
Repassa-o fundo amargor.

Assentada sobre o leito,
Descansa a fronte na mão ;
E os olhos, que tolda o pranto,
Tem-n'os pregados no chão.

E' triste, pallida, immovel,
Como a estátua da saudade ;
E' como o archanjo da dor,
Chorando na soledade.

Meia noite no bronze da torre
Gravemente o silencio cortou ;
Pelos ares a briza rodando
D'echo em echo o sonido levou.

Carolina, que as horas contára,
« Meia noite... » murmura ; e estremece :
Manda os olhos além da janella...
Branca a lua no ceo apparece.

Então se ergue, e de manso abre a porta ;
Sai de casa ; e tremendo, e medrosa,
Do quintal entre o basto arvoredo
Move os passos subtil, cautellosa.

Onde vai ?... Bem denota seu gesto,
Que su'alma se volve entre abrolhos ;
De seu rosto sulcando-lhe o marmor,
Dois crystaes lhe rebentam dos olhos.

Traja vestes de branco setim,
Branca charpa seu peito guarnece,
Branca sitta a cintura ; e um veo branco
Pelos hombros de neve lhe desce.

Onde vai?... Ao passar os canteiros,
De repente scismando parou;
E as florinhas, que o vento agitava,
Ao clarão do luar contemplou.

Terna e meiga incostou-as ao labio,
Terna e meiga e sentida as beijou;
E uma lagryma férvida e triste
Entre as per'las do orvalho deixou.

E seguiu; e seguiu muda e mesta,
Ais doridos no peito sustando;
E outra lagryma, e outra, e mais outra,
Pela relva do chão foi deixando.

Onde vai, tam sozinha, a taes horas?...
E não torna de medo e terror?
— Não, não torna; que fôrças lhe sobram:
Vai levada nas azas d'amor.

III.

Já tem perto a pobre ermida
Ao Bom-Jesus dedicada,
E a pedra, negra do tempo,
De musgo e d'heras forrada.

Já lhe descobre os altares
O rajo tibio da lua,
Que, do alto descendendo livre,
Cai do chão na terra nua. (*)

Não vagam do rumor ondas inquietas
Dentro, nem fóra; a ermida silenciosa
Parece solitaria.
Mas não; que á froixa luz da triste alampada,
Quâ deante o mórtar vela mortiça,
Gigante sombra estampa-se nos muros.
Não; que um vulto, imbuçado em negro manto,
Assomta entre os umbraes... Ao vê-lo horrendo,
A donzella assombrada
Quer timida fugir; porém colhida
Por mão de ferro, que lhe arrocha o pulso,

(*) Não ha muito que estava por cobrir o corpo da egreja do Senhor Bom-Jesus d'esta cidade.

— Cedendo á fôrça — os tremulos joelhos
Vérga, soltando um ai de susto e mágoa. .
 Quando na voz terrível,
Que sinistra troveja-lhe aos ouvidos,
 Conhece — ai Deus ! — o esposo.
« Envão — diz elle — envão tentaste, oh louca,
Fugir á fera, que sonhando amores
Dormia á sombra d'inganosa esp'rança !
Noiva, a fera accordou ao som dos risos,
Que ebria desperdiçaste em braços de outrem...
Noiva... a fera accordou ; e accesa em raiva,
Abriu as garras, aguçou as prêzas,
E te sahiu no incontro a honrar-te as bodas !.
Vinhas anciosa, e levida, e contente,
A horas mortas, sob o veo da noite,
Unir teu voto eterno ao voto d'elle,
Meu nome aos pés calcar, mosfando e rindo !...
Ah ! insensata... queres ver teu novo ?
Ei-lo alli... vai beijá-lo ! »

E rindo ironico, e sombrio, e torvo,
Lhe amostra aos olhos timidos e errantes
Ego cadaver inundado em sangue !

E elle, braços cruzados, mudo, immovel,
 Como estátua ficou ;
E a contemplá-la os olhos n'ella fitos
 Longo tempo deixou.

“Dá perdão, — a seus pés de joelhos,
Com amor lhe dizia mais tarde —
Dá perdão á paixão desvairada,
Que no meu coração queima e arde!

Era d'antes um fogo suave,
Que no ceo de teus olhos hebi ;
Ao depois .. foram lavas do inferno
O que dentro n'est'alma senti.

Mas agora entre o horror, que me assalta,
 Vaga esp'rança me imballa a razão ;
 E renasce entre a dor do remorso
 Doce chamma no meu coração.

Oh donzella, eu por ti n'um abysmo
 Minha vida tam bella arrojei ;
 Por ti so ceos, inferno, existencia,
 Tudo, tudo cioso olvidei.

Ah ! por Deus... ja que es so, e que te amo,
 Restitue-me a ventura perdida :
 Dá-me o teu coração ; ante as aras
 Dá-me o sim... dá-me o ceo, dá-me a vida ! »

E attento esperou resposta,
 Mas ella se não movia ;
 Poz a mão sobre a mão d'ella,
 Estava gelada e fria ;
 Palpou-lhe o candido seio...
 Seu coração não batia.

IV

Ao primeiro luzir da madrugada,
 Alguem entrou na ermida ;
 E tres corpos caídos viu por terra,
 Sem callor e sem vida.

E certo os conheceu ; chorou sobre elles,
 E lhes deu sepultura ;
 E da campa seus nomes, sua história,
 Sumiu na noite escura.

Parahyba — 1849.

J. C. R.

A ALVA

JORNAL LITTERARIO.

PUBLICA-SE

uma vez por mez, contendo cada numero de 12 a 20 paginas.

Recebem-se assignaturas na Cidade Alta em casa do Snr. Francisco Fernandes Lima, Rua Direita, N. 75, e no Vár-douro na loge do Snr. Antonio Alexandrino Lima, Rua das Convertidas, N. 16.

Preço da assignatura Rs. 2\$000 por semestre.